

---

## A MATEMÁTICA POR MILITARES MARANHENSES NO PERÍODO OITOCENTISTA

### *MATHEMATICS BY MILITARIES MARANHENSES IN THE EIGHTH CENTURY PERIOD*

*Waléria de Jesus Barbosa-Soares\**

**Resumo:** apresentamos uma investigação sobre os maranhenses, professores de matemática, autores de livros de matemática e ainda, militares que estiveram envolvidos com o ensino de matemática no período oitocentista. Nesse contexto, apresentamos: Fernando Luiz Ferreira, Alfredo Cândido de Moraes Rego e Antônio Gabriel de Moraes Rego. Através de suas histórias de vida objetivamos construir um texto biográfico até onde os dados permitiram resgatar, além de tecer considerações sobre suas vidas profissionais envolvidas pela publicação de suas obras. O presente texto, de metodologia qualitativa, constitui uma pesquisa de abordagem documental, que utiliza fontes primárias dos arquivos da Biblioteca Pública Benedito Leite, do Arquivo Público do Estado do Maranhão, do Liceu Maranhense e do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Estamos pautados teoricamente em Bittencourt (2004), Ferrarotti (2010), Paulilo (1999) e Valente (2008). Acreditamos que descortinar histórias de vida de autores de livros de matemática aproximamos do entendimento de como se construiu o ensino de matemática por militares no local e tempo investigados – contribuindo, portanto, para compor um quadro do Brasil.

**Palavras-chave:** militares, autores/professores de matemática, História de vida, História de vida profissional.

**Abstract:** we present an investigation about maranhenses, math teachers, math book authors and even military men who were involved in math education in the nineteenth period. In this context, we present: Fernando Luiz Ferreira, Alfredo Cândido de Moraes Rego and Antonio Gabriel de Moraes Rego. Through their life stories we aim to build a biographical text as far as the data allowed to rescue, besides making considerations about their professional lives involved in the publication of their works. This text, of qualitative methodology, constitutes a research with a documentary approach, which uses primary sources from the archives of the Benedito Leite Public Library, the Maranhão State Public Archive, the Maranhense High School and the Rio de Janeiro National Archive. We are theoretically based on Bittencourt (2004), Ferrarotti (2010), Morais (2017), Paulilo (1999) and Valente (2008). We believe that unveiling the life histories of math book authors brings us closer

---

\* Licenciada em Matemática, Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Doutora em Ciências e Matemática, Universidade Estadual de Campinas, Brasil. Secretaria Municipal de Educação de São Luís-MA, Brasil. E-mail: [walleria\\_soares@hotmail.com](mailto:walleria_soares@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6022-9670>.

to understanding how military teaching was built at the time and place investigated - thus contributing to a picture of Brazil.

**Key Words:** Military, Mathematics Authors / Teachers, Life History, Professional Life History.

## 1. Introdução

Imaginemo-nos em um processo de formação em que todos abram seus diários de vida e diários de vida profissional. Ali, escondidas nas entrelinhas, encontram-se autobiografias que podem contribuir para o entendimento do outro e de suas práticas. Podemos aprender com nossa biografia, mas também podemos aprender com a biografia dos outros, daqueles que foram os antepassados profissionais dos professores de matemática atuais [1]. Nesse sentido, construir um texto biográfico nos possibilita tomar alguém como personagem.

Para a construção do texto aqui apresentado precisou-se voltar ao Maranhão do século XIX e encontramos uma sociedade com problemas não muito diferentes daqueles que atingiam o resto do país. O Maranhão, neste século, alcançou momentos de picos no desenvolvimento econômico, devido à agricultura de produtos, como arroz, algodão, cana-de-açúcar e café. A prosperidade foi refletida principalmente na capital, São Luís. A arquitetura da cidade ficou caracterizada pela construção de casarões revestidos de azulejos, semelhantes aos da Europa, que na maioria serviam de casas para os grandes fazendeiros. São Luís também concentrava a riqueza comercial da cidade. Nela se encontrava o maior centro comercial e cultural do Estado, conhecido como Praia Grande.

A educação foi impulsionada a partir da lei de 15 de outubro de 1827, que determinava a criação de escolas primárias ou de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos populosos.

Em 1838, foi inaugurado o Liceu Maranhense, segunda escola de ensino secundário no Brasil. O Liceu abrangia principalmente a elite, assim, em 1841, através da Lei Provincial Nº 105, de 23 de agosto de 1841, foi fundada a Casa dos Educandos Artífices, destinada aos meninos pobres.

Posteriormente, outros colégios foram sendo criados, como o Colégio Nossa Senhora da Glória (1844), destinado às meninas, mas que tinha um espaço também para meninos que pretendiam entrar para o Liceu Maranhense.

O desenvolvimento social e intelectual ficou mais evidente em meados do século XIX. Os ludovicenses acompanhavam o crescimento das livrarias e das tipografias. Jornais, livros, revistas e periódicos eram publicados na cidade e serviam como instigadores de pensamentos. São Luís se tornou o centro editorial das províncias e de importância nacional, pois a qualidade das impressões era consideravelmente melhor que a da própria cidade do Rio de Janeiro.

A literatura fez São Luís ficar conhecida no século XIX como Athenas Brasileira, devido ao grande número de literários que ali viveram, como Gonçalves Dias, João Lisboa, Cândido Mendes, Odorico Mendes, Sousândrade, Humberto de Campos, nomes bastante conhecidos por volta de 1880. Neste ano, Aluísio Azevedo publica o seu livro, “*O Mulato*”.

Nesse contexto, também encontramos uma produção literária de matemática, consideravelmente relevante. Foram 36 livros publicados no Maranhão ou por maranhenses neste século [2]. Ao buscarmos conhecer os autores destas obras, deparamo-nos com professores de matemática com formações diversas, entre as quais militares.

A presença de maranhenses militares desempenhando outras funções, como autores de livros didáticos, refletia a situação do Brasil da época. Segundo Silva em [2]:

Há de saber que a diversidade de funções acontecia não só no Maranhão, mas em todo o Brasil. Na Academia Militar do Rio de Janeiro – o professor desempenhava, na maioria das vezes, diferentes funções na sociedade: ele era professor de Matemática, ele era militar, ele era editor, ele era político. [2]

Nesse sentido, sobre os autores de livros didáticos no século XIX, [3] esclarece que *os perfis variam (vam) de acordo com as idades, níveis, disciplinas, tipo de educação, etc.* Portanto, encontrar militares como autores, professores, ou outras funções, não era difícil.

Assim, o objetivo deste texto é apresentar uma breve história de vida e de vida profissional de Alfredo Cândido de Moraes Rego, Antonio Gabriel de Moraes Rego e Fernando Luiz Ferreira, que foram maranhenses militares e professores/autores de livros de matemática no período oitocentista.

Para isso, seguimos pistas em busca da construção destas biografias, pois acreditamos que *o tempo não passa sem deixar rastros, resíduos*, [4, p.12]. Vemos a biografia como um documento relevante no que diz respeito ao conhecimento sobre a história de vida de uma pessoa, incluindo nomes, locais, fotos e datas dos principais acontecimentos. Sobre a importância da história de vida, concordamos com Paulilo, para quem,

A história de vida pode ser, desta forma, considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos. [5, p. 142-143].

No campo de construção de um texto biográfico, enveredamo-nos por fontes primárias dos arquivos maranhenses, como: Biblioteca Pública Benedito Leite, Arquivo Público do Estado do Maranhão e Liceu Maranhense. Envolvemo-nos em histórias contidas em textos, livros, notícias de jornais,

documentos escolares e concordamos com [6, p.45], quando diz que *se todo o indivíduo é reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual.*

Aceitamos a subjetividade e a historicidade pulsantes nessa gama de materiais, o que fez com que aceiássemos que a história de uma sociedade pode estar contida na história de vida de cada docente, e aqui apresentamos a história de vida dos professores de matemática no Maranhão do século XIX.

## 2. O que nos dizem as histórias de vida e de vida profissional

Para conhecermos os professores militares que produziram livros didáticos de matemática na cidade de São Luís do século XIX foi preciso primeiro definir o que seria um *autor* para nos apropriarmos de sua função. Tomamos Souza, para quem o autor seria aquele,

[...] responsável pelo que *diz* no livro didático; pelo conteúdo que ele seleciona; pela forma de apresentação desse conteúdo selecionado e pela forma de apresentação desse conteúdo; a sua competência enquanto autor é, geralmente, medida pelo caráter de clareza didática, avaliada em termos da linguagem utilizada no livro, linguagem essa capaz de *traduzir* de modo acessível ao aluno, o que disseram *os grandes nomes* do saber. [7, p.29].

Mas os professores autores não exerciam seu trabalho de forma completamente independente. Os editores tiveram uma forte ligação com a produção e divulgação das obras. Para Bittencourt [8, p. 482], *compêndios, cartilhas, eram textos que precisavam da aprovação institucional para que pudessem circular nas escolas, o que acabava por direcionar as opções dos editores na seleção dos autores.* E ainda, segundo a autora, o autor deveria ser “um seguidor dos programas oficiais propostos pela política educacional”, [8, p.479].

Desta forma, partimos da premissa de que a materialidade vem embebida de ideias sociais, mas também de pensamentos pessoais. Portanto, um livro traz, em sua materialidade, impressões do próprio autor. Conhecer-las ajuda a compreender o contexto no qual um livro é escrito. Assim, tão importante quanto saber sobre os autores de livros didáticos produzidos no Brasil no século XIX, é conhecer aqueles que utilizavam o livro em sala de aula: os professores, mesmo aqueles que não escreveram livros. Para Silva,

Sobre os grandes nomes de matemáticos, há bibliografia suficiente e às vezes farta nas enciclopédias, dicionários biográficos e outras fontes especializadas, mas e sobre a vida desses autores de livros-texto? Quem são esses ilustres desconhecidos? Que informações podemos encontrar sobre eles? A resposta a essas perguntas é – dispomos de pouquíssimas informações, ou na melhor das hipóteses, informações parciais e algumas pouco fidedignas. Afinal, o autor de

um livro-texto, em geral, não está incluído na elite produtora do conhecimento. [9, p. 110-111].

Essa situação do livro didático no Brasil oitocentista manifestava-se em todas as províncias. No Maranhão não foi diferente. Autores e professores se dedicavam à produção de livros didáticos, que em meio aos de autoria estrangeira, configuravam materialidade escolar que daria suporte ao professor em sala de aula.

Para Schubring [10, p.17], existe um *método histórico que se oferece para ampliar a compreensão de textos: a prosopografia, isto é, descobrir a respeito de características comuns das biografias dos autores em questão, seus precursores, etc.* Comungando com o autor, vemos a importância de conhecer os sujeitos que escreviam os livros didáticos na cidade de São Luís oitocentista; e, nesse meio, os militares.

Acreditamos que as relações construídas durante a trajetória de vida estão carregadas dos conhecimentos e vivências adquiridos pelas pessoas durante a história de vida profissional: logo, cada um é um conjunto de fragmentos. As emoções, os desejos, as histórias fazem parte do ser sujeito em sua totalidade.

### 3. Alfredo Cândido de Moraes Rego e Antonio Gabriel de Moraes Rego

De família predominantemente militar, Alfredo Cândido de Moraes Rego e Antonio Gabriel de Moraes Rego nasceram em São Luís, no ano de 1859. Irmãos gêmeos, eram filhos de Horácio Leal de Carvalho Reis e Maria Luiza Leal Rego. Sabe-se que Alfredo Cândido casou-se com Maria dos Prazeres dos Reis, teve seis filhos e um de seus netos, Gustavo Moraes Rego Reis, foi general e homem de confiança dos presidentes do Brasil, Castello Branco e Ernesto Geisel. Temos ainda que, em 1878, Antonio Gabriel tinha endereço em São Luís, situado à Rua do Alecrim, nº 17.

A carreira profissional dos dois irmãos aconteceu de forma bem semelhante. Os dois irmãos foram enviados ao Rio de Janeiro, onde se tornaram guardas da Marinha, tendo frequentado o curso na Escola da Marinha. Posteriormente, entraram para a Escola Militar do Rio de Janeiro. A matrícula deles, nesta escola, foi autorizada pelo governo por meio de Decreto N. 2865 - de 7 de junho de 1879, que se encontra na Coleção de Leis do Império do Brasil, ano de 1879.

Sobre as diversas funções que os irmãos Moraes Rego desempenharam, destacamos os serviços prestados ao Ministério da Guerra, principalmente como professores. Em 1890, Alfredo Cândido foi lente catedrático da 2ª cadeira, do 1º ano, do curso de Artilharia da Escola Superior de Guerra. Em 1891, Antonio Gabriel foi lente da 1ª seção da mesma escola.

Ainda em 1891, ambos os irmãos foram condecorados pela Ordem de São Bento de Avis ou Ordem de Avis.

Foi também em 1891, que publicaram o livro *“Geometria Diferencial”*. Em 1882, os irmãos Moraes Rego publicaram outro livro, intitulado *“Tratado de Mecânica Geral”*. E, em 1885, publicaram *“Elementos de Álgebra ou Cálculo das Funções Diretas”*. Todos os livros foram publicados no Rio de Janeiro, os dois primeiros através da Imprensa Nacional, e o último por J. J. de Souza Peixoto.

Em 1893, ambos trabalharam no 7º Distrito, referente ao Estado do Mato Grosso, onde Alfredo Cândido era o secretário e Antonio Gabriel, assistente do quartel-mestre general. No mesmo ano, e nos anos de 1894, 1895 e 1896, Alfredo Cândido foi novamente lente catedrático da 2ª cadeira, do 1º ano, do curso de Artilharia da Escola Superior de Guerra. Em 1898, ambos foram lentes da 1ª seção da Escola Militar da capital federal (Rio de Janeiro) e Alfredo Cândido permanecia como lente da Escola Superior de Guerra.

Em 1899, ambos entraram em disponibilidade dos estabelecimentos militares, em vista da reorganização dos institutos militares de ensino. Foram então encaminhados ao departamento da Intendência de Guerra no Rio de Janeiro, desempenhando as funções de chefe de gabinete (Alfredo Cândido) e Adjunto do chefe de gabinete (Antonio Gabriel), onde permaneceram até o ano de 1900.

Nos anos de 1901 e 1902 foram encaminhados ao 4º Distrito do Ministério da Guerra, que envolvia os estados de São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo e Distrito Federal. Alfredo Cândido era encarregado da seção do pessoal, enquanto Antonio Gabriel era o encarregado da seção do material. Entre 1903 e 1905, Alfredo Cândido foi secretário do Ministro de Guerra e Antonio Gabriel, oficial de gabinete do Ministro de Guerra. No ano de 1906, continuavam em disponibilidade, e seus nomes constavam dos catálogos do Ministério da Guerra apenas como professores de ciências e geômetras. A partir do ano seguinte, o nome de Antonio Gabriel desaparece das páginas dos catálogos do Ministério da Guerra, levando à hipótese de que, ou ele faleceu ou deixou de trabalhar por algum motivo, permanecendo apenas o nome de Alfredo Cândido.

Entre 1909 e 1911, Alfredo Cândido foi diretor da Escola do Estado Maior do Exército. E, ainda em 1911, foi subchefe do Estado Maior do Exército, último registro que temos sobre ele.

Algumas considerações merecem ser feitas sobre o ensino de matemática desenvolvido na Escola Militar do Rio de Janeiro. Podemos destacar que teve forte influência do Positivismo. Isto porque Benjamin Constant e Roberto Trompowsky, positivistas e professores da Escola Militar, influenciaram diretamente seus alunos com os pensamentos comteanos. Segundo [11, p.68] *é de imaginar que as lições da Escola Militar seguissem o mesmo espírito.*

Alguns alunos acabaram seguindo a mesma linha de pensamento de Constant e Trompowsky, ao se tornarem professores, mas houve outros que trabalharam com outros pensadores cientificistas. É nesse grupo que estavam os irmãos Moraes Rego. Segundo Castro [11, p.70], ao escreverem *“Elementos de Álgebra ou Cálculo das Funções Diretas”*, *são mencionados os pontos essenciais da filosofia de Comte, mas surgem referências também à classificação das ciências de Spencer.* Ainda segundo o autor, isso demonstrava que *apesar de abertamente comteanos, os irmãos Moraes Rego não*

são (eram) ortodoxos: admitem (iam) certos defeitos na classificação das ciências de Comte. Essas posições demonstravam que eles foram intelectualmente mais heterogêneos e diversificados que os seus professores.

Alfredo Cândido de Moraes Rego faleceu no ano de 1917. Não temos informações sobre a data de morte de Antonio Gabriel de Moraes Rego.

#### 4. Fernando Luiz Ferreira

Nascido em São Luís, em 01 de agosto de 1803, Fernando Luiz Ferreira era filho do tenente-coronel Miguel Ignacio Ferreira e de dona Catharina de Senna Ferreira de Mendonça. Seus avós paternos eram Alexandre Ferreira da Cruz e Mariana Clara de São José de Assunção Parga, e seus avós maternos eram Joaquim Isidoro Freire de Mendonça e Maria de Santa Ana e Oliveira.

Ferreira foi casado com dona Luiza Rita Vieira da Silva e Sousa (já viúva de Honório Pereira da Silva), desde 23 de fevereiro de 1834, e juntos tiveram três filhos: Luiz Vieira Ferreira, Miguel Vieira Ferreira e Joaquim Vieira Ferreira. Ressaltamos que a esposa de Ferreira, segundo Barrera Rivera [12, p.80], era maranhense, filha do coronel Luiz Antonio Vieira da Silva, de origem portuguesa, e de dona Maria Clara de Souza Vieira, brasileira e filha de outro coronel, José Antonio Gomes de Souza, tio do famoso "Souzinha". Residia na Rua da Viração, nº 01, em São Luís.

Tinha um lado poeta, demonstrado através de suas poesias que enalteciam a sua família, como o que fez por ocasião do nascimento de seu primeiro filho, que retratava também como nutriu o sentimento que tinha pela esposa.

Ferreira pediu licença em 1823 para estudar em Portugal. No Brasil, frequentou a Academia Militar do Rio de Janeiro, de 10 de dezembro de 1825 a 22 de novembro de 1831, onde se formou em Matemática e Ciências Físicas e *serviu ao corpo de engenheiros, reformando-se em 1848*, [13, p. 340].

Sua vocação pedagógica ficou evidente quando instruiu pessoalmente os filhos. O fato é que era comum na época, em São Luís, os pais educarem os filhos, como Ferreira o fez.

Abolicionista e dedicado à luta pela independência do Brasil, sua carreira militar foi marcada por alguns acontecimentos. Servindo em Caxias, no Maranhão, em 1822, Ferreira já era 2º Tenente. Posteriormente, passou a 1º Tenente, até que, em 1824, foi determinado por ordem do governo de D. Pedro I, agora imperador, que retornasse novamente ao posto de 2º Tenente. Porém, Ferreira não obedeceu. Em sua defesa, seu filho Miguel Ferreira, declarou que após a independência, os mais perseguidos, abandonados ou esquecidos pelo imperador, foram aqueles que mais se dedicaram à liberdade da pátria, Prado em [2].

Sobre as atitudes rebeldes em prol da independência do Brasil, escreveu também [14], em que para ele, Ferreira era,

[...] aquele que, na sua mocidade, em verdes anos, pugnou pela Independência do Brasil no Maranhão, naquele recanto em que se achava e que, expondo sua vida como Independente e contemplado Rebelde perante o que era então a legalidade - porque era militar - já na luta que se travou pela liberdade, alcançou, por merecimento, as patentes de tenente e capitão que Dom Pedro I não lhe quis depois confirmar, porque, feita a independência, os mais perseguidos, abandonados ou esquecidos, por esse príncipe, já Imperador, foram justamente aqueles que mais trabalharam pela libertação da pátria. [14, p.195].

O posto de capitão só lhe veio em 22 de novembro de 1831.

Em 1840, Ferreira esteve encarregado da missão que viria a fundar a *Colônia Indígena de São Pedro do Pindaré* (hoje, cidade de Pindaré), no interior do Maranhão, e que visava civilizar os índios Guajajaras, que lá moravam. Esta experiência rendeu-lhe o texto "*Informação acerca da missão dos Guajajaras no Rio Pindaré, no Maranhão*", escrito em 1842.

Em 1844, era Comandante do Exército em Pernambuco. De 1857 a 1867, Ferreira esteve como presidente do Conselho Administrativo no Maranhão. O cargo só foi deixado com a extinção dos Conselhos do Império. Nesse meio tempo, foi anunciado a *tabella das mensalidades dos alumnos do Collegio do bacharel Fernando Luiz Ferreira, as quaes tem de regular no anno de 1858* [15, p.4]. O anúncio no jornal indica assim que Ferreira era dono de um colégio privado, porém não encontramos mais informações sobre essa instituição.

Em janeiro de 1864, Ferreira foi orador na solenidade de posse da nova diretoria da Associação Luso-Maranhense, em São Luís. Em 09 de março do mesmo ano, tornou-se sócio efetivo do *Atheneu Maranhense*, e em 03 de junho, passou a integrar a diretoria. Em 28 de Março de 1865 foi nomeado diretor de obras públicas do Maranhão.

Como professor, desempenhou várias funções. Em 1858 foi lente de *Mecânica* na Casa dos Educandos Artífices. Mais tarde, em 1864 foi o responsável pela cadeira de *Geometria e Mecânica Aplicada às Artes*. Ainda no mesmo ano, no dia 27 de agosto, foi nomeado diretor da Escola Prática de Aprendizizes Agrícolas do Cutim.

Em 13 de outubro de 1864, foi anunciado que sairia em breve o "*Jornal Agrícola*", cujo proprietário e editor seria o Sr. Belarmino de Mattos. Dedicado à agricultura e com especialidade à Escola Prática de Aprendizizes Agrícolas do Cutim, a redação do jornal seria de Ferreira e seu filho Miguel.

Entre suas obras de matemática, em 1868, publicou uma das mais conhecidas, "*Arithmetica Prática*", que foi aprovada para ser adotada pela instrução pública. No mesmo ano, também publicou "*Novo Systema Metrico*". Ambas as obras eram vendidas pela Livraria Universal, que ficava na Rua da Palma, nº 03, em São Luís, e eram divulgadas em jornais.

O jornal também era espaço para o autor comentar sobre o método utilizado na escrita de suas obras. Assim, sobre “*Novo Systema Métrico*”, Ferreira ressaltava que a mesma tinha necessidade de ser muito concisa e ao mesmo tempo não menos clara e que servisse de manual prático sobre o novo sistema métrico de pesos e medidas, em qualquer problema ou situação da vida. O autor ainda declarou que não era sua intenção saber mais do que outros autores que já haviam trabalhado com a temática, mas acreditava que a sua obra seria relevante não só para os meninos como também para o povo.

Sobre “*Arithmetica Prática*”, Ferreira apresentava-na como destinada aos meninos que não tinham nenhuma noção de aritmética, logo os conteúdos envolveriam desde numeração até as frações. Assim, o autor enfatizava que conteúdos como cálculo dos complexos, formação e extração de raízes, regra de companhia, razão, proporção e juros estariam em outra obra, ainda a ser organizada. Esta seleção de conteúdos é compreensível, já que a obra era destinada às escolas de primeiras letras.

A metodologia utilizada pelo autor neste livro indicava que o mesmo não incluiria demonstrações, o que não quer dizer que o aluno não pudesse descrever por extenso como chegaria aos resultados obtidos nas operações. Ferreira acreditava que, *dar simplesmente os exemplos, e não descrever como eles se executam, é deixar o alumno na dependencia absoluta do ensino verbal do professor*, [16, p.3].

As obras de matemática de Ferreira continuaram, posteriormente, a serem utilizadas na Província do Maranhão e também no Amazonas. Doações das mesmas para as escolas públicas também eram feitas.

Ferreira foi ainda, dono do Jornal “*O Artista*”, publicado somente a partir de 1868, mas fundado em 1862. *Era publicação assaz interessante e de muita utilidade. Suscitou porfiada lucta em favor das classes operarias, e instituiu largo e luminoso debate sobre os variados assumptos de interesse provincial* [17, p.1]. Suas páginas eram dedicadas à indústria e principalmente às artes, e tinha como redatores, além de Ferreira, seus três filhos.

A carreira de Ferreira como docente ainda envolveu ter sido professor de *Desenho de Máquinas* do Colégio Pedro II, na Corte, por nomeação do Governo Imperial; professor da aula de *Escultura e Desenho* da Casa dos Educandos Artífices; e, lente do Colégio Episcopal Nossa Senhora dos Remédios, nomeado pelo Exmo. Bispo Diocesano D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva.

Vale ainda destacar que o tempo que Ferreira passou em Portugal rendeu-lhe o seu nome no documento “*Memoria historica da Faculdade de Mathematica nos cem annos decorridos desde a reforma da Universidade em 1772 até o presente*”, por Francisco de Castro Freire, publicado em 1872 pela Universidade de Coimbra. Na página 135 da sessão *Bibliografia Mathematica desde 1772 até outubro de 1872*, encontramos *Arithmetica: compendio para instrucção primaria, por Fernando Luiz Ferreira, tenente-coronel reformado do corpo de engenheiros e professor de Mechanica nas aulas dos educandos artífices. Maranhão, Typographia de J. C. de C. M. Torres, 1856.*

Fernando Luiz Ferreira faleceu no Rio de Janeiro em 28 de Outubro de 1877.

## 5. Considerações finais

Ao longo da escrita deste texto, pudemos perceber Alfredo Cândido de Moraes Rego, Antonio Gabriel de Moraes Rego e Fernando Luiz Ferreira, constituídos em seus tempos, a partir das relações familiares e profissionais.

Sobre suas obras, pela quantidade de publicações ou por quantidade de edições demonstrava o quanto eram interessantes para a educação. Enquanto os irmão Moraes Rego publicaram 5 obras para serem utilizadas na Academia, as obras de Ferreira chegavam até a 5ª edição, o que era considerado relevante para a realidade da época. A compra das mesmas pelo governo, as indicações, os agradecimentos por homens importantes, do convívio dos professores e de suas profissões, também nos mostraram o quanto tinham influencia em seu meio.

Todo esse contexto nos faz acreditar que Alfredo Cândido de Moraes Rego, Antonio Gabriel de Moraes Rego e Fernando Luiz Ferreira eram reconhecidos pela comunidade a que pertenciam e pela sociedade em que viveram. Percebemos assim, os autores por sua totalização, como professores de escolas de elite, principalmente.

Conhecer a história desses militares que eram professores de matemática e autores de obras destinadas principalmente às suas aulas, leva-nos a acreditar que *seguimos o nosso caminho profissional na expectativa de melhor utilizar a herança que esses parentes nos deixaram profissionalmente, construindo novas práticas e saberes com esse legado*, [1].

Assim, descortinar histórias de vida de autores de livros de matemática aproxima-nos do entendimento de como se construiu o ensino de matemática por militares no local e tempo investigados – contribuindo, portanto, para compor um quadro do Brasil.

## Referencias

- [1] W. R. Valente, “*Quem somos nós, professores de matemática?*” Cad. Cedes, Campinas, Vol. 28, num 74, pp. 11-23. jan/abr, 2008.
- [2] W. J. B. Soares, “*XIX – uma história, uma cidade e os primórdios da matemática escolar*”. Curitiba: Appris, 2018.
- [3] A. Choppin, “*Passado y presente de los manuales escolares*” in J. R. Berrio, “*La cultura escolar de Europa - Tendências históricas emergentes. (Memória y critica de La Educacióón)*”. Madrid: Biblioteca Neva, 2000. pp. 107-141.
- [4] E. José, “*Memória, cultura e literatura – O prazer de ler e recriar o mundo*”. São Paulo: Paulus Editora, 2012.

- [5] M. A. S. Paulilo, "A Pesquisa Qualitativa e a história de vida" em Serviço Social em Revista, Londrina, vol 2, num 1, pp. 1-153, jul/dez, 1999.
- [6] F. Ferrarotti, "Sobre a autonomia do método biográfico" in A. Nóvoa e M. Finger, (Org.). "O método (auto) biográfico e a formação". Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- [7] D. M. Souza, "Autoridade, autoria e livro didático" in Coracini, M. J. (Org.) Interpretação, autoria e legitimação do livro didático. Campinas: Pontes, 1999.
- [8] C. M. F. Bittencourt, "Autores e editores de compêndios de livros de leitura (1810-1910)", Educação e Pesquisa, 30(3), pp. 475-491, set/dez 2004.
- [9] C. M. S. Silva, "O livro didático de Matemática no Brasil no século XIX" in A. F. John, "Facetas do diamante: Ensaios sobre educação Matemática e história da Matemática". Rio Claro - SP: Editora SBHMAT, 2000. pp. 109-161.
- [10] G. Schubring, "Análise histórica de livros de matemática: notas de aula". Campinas: Autores Associados, 2003.
- [11] C. Castro, "Os militares e a república: um estudo sobre cultura e ação política". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.
- [12] P. A. Barrera R., "A reinvenção de uma tradição no protestantismo brasileiro: a Igreja Evangélica Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus". REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 78-99, setembro/novembro 2005.
- [13] A. V. A. S. Blake, "Diccionario Bibliographico Brasileiro". Vol 7. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883-1902.
- [14] C. A. Marques, "Diccionario histórico, geográfico da província do Maranhão". Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1870.
- [15] Jornal Diário do Maranhão, São Luís, 04/01/1858, p. 4.
- [16] Jornal Publicador Maranhense, São Luís, 16/09/1868, p. 3.
- [17] Jornal Pacotilha, São Luís, 15/01/1885, p.1.

